



COMO AS CRIANÇAS BRASILEIRAS ADQUIREM A EXPRESSÃO DE FUTURIDADE: UM ESTUDO SINTÁTICO*



HOW BRAZILIAN CHILDREN ACQUIRE THE EXPRESSION OF FUTURITY: A SYNTACTIC CASE STUDY

Paulo Ângelo de ARAÚJO-ADRIANO
Unicamp, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)

RECEBIDO EM 30/06/2019 • APROVADO EM 18/11/2019

Resumo

Adotando a abordagem da Gramática Gerativa, este artigo investiga como as crianças brasileiras adquirem a expressão de futuridade no português brasileiro (PB), quais sejam: (i) 'ir' + infinitivo, (ii) forma sintética, (iii) verbo pleno flexionado no presente. Uma vez que a forma sintética para futuridade não é mais produtiva na fala do PB, a hipótese inicial é a de que as crianças não produzem a forma sintética para futuro e adquire, primeiramente, as outras formas veiculando Aspecto Prospectivo, para depois adquirirem essas estruturas, veiculando Modo *Irrealis*, seguindo um modelo *bottom-up*. Os dados investigados são baseados em um estudo longitudinal de 3 crianças brasileiras, monolíngues, entre as idades de 01;08 e 03;07. Os resultados mostram que as três crianças não produziram a forma sintética; produziram 'ir' + infinitivo veiculando Aspecto Prospectivo quando tinham 01;08 e, somente mais tarde, adquiriram 'ir' + infinitivo disparando uma leitura *irrealis* (com a idade de 02;01). Por fim, a forma de presente foi adquirida com 02;08, veiculando somente uma leitura *irrealis*. Esses resultados sugerem que, uma vez que não há evidência positiva para a estrutura sintética, as crianças não a adquirem naturalmente. Além disso, este estudo evidencia uma aquisição

sistemática e ordenada, licenciando primeiramente uma camada aspectual para depois uma camada de modo.

Abstract

Adopting the Generative Grammar framework, this article investigates how Brazilian children acquire the expression of futurity, namely (i) 'ir' + infinitive, (ii) the synthetic form, (iii) verb inflected in the present tense. Since the synthetic form conveying futurity is no longer productive in the speech of BP, the initial hypothesis is that children do not produce the synthetic form for future and, first, acquire the other forms by conveying Prospective Aspect, then acquiring these structures, conveying *Irrealis* Mode. Data investigated are based on a longitudinal study of 3 monolingual Brazilian children for a period of 01;08 and 03;07. The results show that the three children did not produce the synthetic form; produced infinitive 'ir' + conveying Prospective Aspect when they were 01;08 and only later acquired infinitive 'go' + infinitive by meaning an *irrealis* reading (at the age of 02;01). Finally, the verbal present form was acquired with 02;08, conveying only an *irrealis* reading. These results suggest that since there is no positive evidence for synthetic structure, children do not naturally acquire it. In addition, this study evidences a systematic and ordered acquisition, licensing first an aspectual layer and then a mode one.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Gramática Gerativa. Aquisição da Linguagem. Expressão de Futuridade. Forma perifrástica. Forma sintética.

KEYWORDS: Generative Grammar. Language Acquisition. Expression of Futurity. Periphrastic Form. Synthetic Form.

Texto integral

Sob a perspectiva da Gramática Gerativa, existem alguns estudos sobre o português brasileiro (PB) que examinaram a aquisição de TEMPO e ASPECTO, mas, em geral, apenas se referindo ao presente e ao passado e às leituras aspectuais imbricadas nesses tempos (ver NEVES, 2011; ARAÚJO, 2015; e.o.). No entanto, a aquisição do tempo futuro/expressão de futuridade no PB parece ser um tópico recente e ainda embrionário dentro da perspectiva formal. Portanto, para cobrir essa lacuna nos estudos dessa área, o presente estudo investiga como as crianças que adquirem o PB como língua nativa adquirem a expressão de futuridade.

É assumido, na perspectiva gerativa, que a aquisição da linguagem ocorre, principalmente, a partir do *input*, isto é, das sentenças às quais as crianças estão expostas. Assim, embora nem toda estrutura linguística esteja presente no *input*, algumas são exibidas exaustivamente, por exemplo, a primeira frase que a mãe fala ao bebê quando nasce: “O nome do bebê vai ser ...”.

Nesse sentido, as expressões de futuridade com que as crianças do PB entram em contato podem ser estabelecida por mais de uma única estrutura (ver

(1)), ao contrário do pretérito, por exemplo, com apenas uma combinação possível (ver (2)).

(1) **Expressão de futuridade no PB**

- a. Todos nós cantaremos_{FUT.1.PL} numa só voz o hino nacional.
- b. No próximo domingo, eu canto_{PRS.1.SG} num barzinho no Bixiga.
- c. Um dia eu vou_{PRS.1.SG} viajar_{INF} para a África do Sul.

(2) **Passado simples no PB**

Choveu_{PASS.3.SG} ontem em São Paulo

No que diz respeito a (1), a estrutura da expressão de futuridade mais utilizada na língua falada do PB é a perífrase ‘ir’ + infinitivo. No entanto, a tarefa das crianças de adquirir futuridade não é assim tão fácil, isto é, não é apenas adquirir ‘ir’ e seguir em frente; Araújo-Adriano (2019) mostra que há outra leitura para ‘ir’ + infinitivo: além da leitura habitualmente associada ao futuro, ‘ir’ + infinitivo também pode veicular aspecto prospectivo, ou seja, uma ação que ocorre exatamente após o momento da fala, como em *Calma que eu vou espirrar!* (*E espirra*).

Como veremos a seguir, as estruturas que veiculam futuridade não são adquiridas ao mesmo tempo e sua aquisição nas gramáticas infantis segue uma ordem, aparentemente, sistemática: a aquisição de ‘ir’ + infinitivo com nuances aspectuais é seguida pela aquisição de ‘ir’ + infinitivo com uma leitura *irrealis*. Esse resultado revela que o percurso que as crianças seguem para adquirir futuridade sustenta a hipótese maturacional da aquisição da linguagem e, de alguma forma, também a hipótese continuísta, quando observamos os dados.

Este artigo está organizado da seguinte forma: em § 2, discutimos um breve panorama da expressão da futuridade no PB, considerando alguns aspectos históricos, com o objetivo de mapear os possíveis *inputs* aos quais as crianças brasileiras estão expostas. Em § 3, apresentamos a abordagem teórica na qual este artigo se baseia. Essa discussão é importante para traçar o propósito, as questões de pesquisa, as hipóteses levantadas e a metodologia utilizada (§ 4). Em § 5 apresentamos e discutimos os resultados. Finalmente, a última seção (§ 6) faz algumas observações remanescentes; além de apontar brevemente questões para pesquisas futuras.

2 O sistema do PB: considerações sobre a expressão de futuridade

O português brasileiro não possui apenas uma estrutura para a expressão do futuro. Para transmitir uma leitura futura, os falantes podem optar, às vezes conscientemente, *grosso modo*, por algumas formas existentes no sistema

linguístico: a forma sintética, a perifrástica e a forma com um verbo flexionado no presente:

(3) **Forma sintética**

A Maria disse que me **ligará**_{FUT.3.SG} até sábado

(4) **Forma perifrástica**

A Maria disse que **vai**_{PRS.3.SG} me **ligar**_{INF} até sábado

(5) **Forma de presente**

A Maria disse que me **liga**_{PRS.3.SG} até sábado

Embora as três formas acima façam parte do sistema linguístico do PB, Araújo-Adriano (2016) aponta que a forma sintética é residual na fala, independentemente da escolaridade, idade e registro – se formal ou não. Os dados¹ do autor mostram que as formas sintéticas foram extremamente residuais, não apenas na amostra da entrevista, mas também na representação da fala com apenas 2% do total dos dados. Quanto à escrita, a quantidade de forma sintética foi maior que ‘ir’ + infinitivo; no entanto, como Araújo-Adriano (2016) revela, na amostra escrita de textos argumentativos, o uso da forma sintética é menor que a forma perifrástica encabeçada pelos modais ‘poder’ e ‘dever’ com uma leitura epistêmica: 8% da expressão de futuro foram usadas com ‘ir’ + infinitivo (6 ocorrências), a forma sintética foi encontrada em 25% (19 ocorrências) e, finalmente, os modais apareceram em 67% (52 ocorrências) dos dados.

Peneirando a análise, Araújo-Adriano (2016) estabeleceu outra variável, um “traço” [\pm DISTANTE], pois observou que, em alguns contextos, ‘ir’ + infinitivo era utilizado para transmitir uma ação que ocorria imediatamente após o momento da fala, considerado pelo autor como [-DISTANTE]. Por outro lado, quando a ação acontecia em um intervalo maior, tomando como referência o momento de fala, estar-se-ia diante do traço [+DISTANTE]. Os exemplos abaixo mostram exatamente o que acabamos de discutir: em (6), o falante está prestes a dizer algo a outra pessoa, então o evento de *contar* acontecerá logo após o término do enunciado de (6). Da mesma forma, o evento de *tomar*, em (7), também ocorrerá em um momento após a emissão de (7); no entanto, essa ação não é imediatamente após o discurso: é necessário esperar até o natal, e então o evento ocorrerá (ou não).

(6) Abre essas suas orelhas e ouve o que eu **vou**_{PRS.1.SG} **dizer**_{INF}

(7) Quando chegar o natal, **vou**_{PRS.1.SG} **tomar**_{INF} ar fresco

Revisando essa proposta, Araújo-Adriano (2019) considera que o traço [-DISTANTE] exibido em (6) corresponderia ao traço [+PROSPECÇÃO] veiculado por um núcleo funcional aspectual (AspP), em termos minimalistas (CHOMSKY, 1995). ASPECTO PROSPECTIVO é uma propriedade gramatical que relaciona “alguma ação subsequente, (...) quando alguém está no estado de estar para fazer algo” (COMRIE, 1976, p. 64). Ao mesmo tempo, Araújo-Adriano (2019) assume que o traço

[+DISTANTE] em (7) seria o mesmo que o traço [+IRREALIS] realizado por um núcleo modal WollP (ver WURMBRAND, 2014).

À esteira de Araújo-Adriano (2019), quando a forma sintética ainda era produtiva na fala – até o século XIX, o português brasileiro apresentava movimento do verbo para T, com o objetivo de licenciar uma leitura futura. Um dos argumentos do autor é o posicionamento do advérbio *sempre*, cuja posição estrutura é imediatamente abaixo de T. Seus dados diacrônicos indicam que enquanto a forma sintética era produtiva no sistema gramatical a ordem preferida era V_*sempre* (*verbo* seguido do advérbio *sempre*) e, quando essa forma caiu em desuso na fala, com a ascensão do ‘ir’ + infinitivo veiculando futuridade, a ordem se tornou *sempre_V* (advérbio *sempre* seguido de *verbo*):

Tabela 1: Posicionamento do advérbio *sempre* relacionado à expressão de futuridade

Forma	V_ <i>sempre</i>		<i>sempre_V</i>	
	Nº	%	Nº	%
Sintética	13	93	2	12
<i>Ir</i> + infinitivo	1	7	15	88

Fonte: adaptado de Araújo-Adriano (2019)

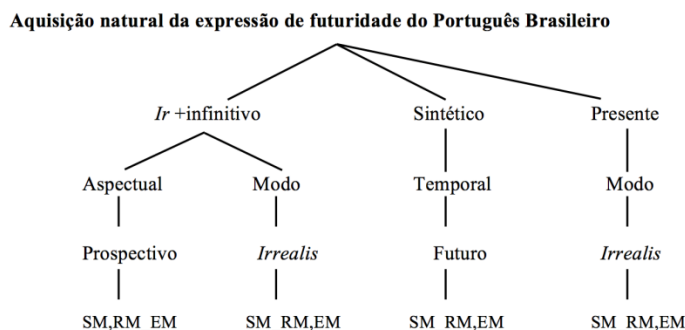
Em linhas gerais, a Tabela 1 evidencia que, se o advérbio posposto ao verbo foi mais utilizado em um contexto sintético, isso indica² que o verbo se movia para uma posição mais alta que *sempre* (o que explica a ordem V_*sempre*), valorando traços temporais, como [+FUTURO]. ‘Ir’ pousando em uma posição funcional mais baixa que *sempre*, como a ordem *sempre_V* indica, evidencia que o verbo se move para uma categoria mais baixa que TP, a saber, WollP. Isso sugere que as formas sintéticas do português brasileiro falado perderam seu significado temporal futuro e, de fato, os exemplos a seguir mostram exatamente isso:

- (8)
- Por onde **andar**_{FUT.3.SG} Neiva?
 - O que **ser**_{FUT.3.SG} que aconteceu?
 - Já não gosto de atender ligação comum, quem **dir**_{FUT.3.SG} ligação de vídeo!
 - O teu quarto está ao Deus **dar**_{FUT.3.SG}!

Devido ao fato de que (i) os únicos resíduos de futuro sintético na fala não transmitem futuridade e (ii) houve alteração na ordem do verbo em relação a *sempre* (ver Tabela 1), Araújo-Adriano (2019) propõe que o futuro sintético se movia até a camada temporal, portanto, tinha uma interpretação temporal (e *irrealis*, já que pela restrição de movimento de núcleo, o verbo, para chegar a TP, se move para WollP, outro núcleo); já ‘ir’ + infinitivo movia-se para uma camada

WollP, lexicalizando uma traço *irrealis*, assim como a forma simples de presente, e, finalmente, 'ir' + infinitivo também poderia lexicalizar uma camada aspectual, abaixo de WollP, veiculando prospecção. Dito isso, as propriedades da expressão de futuridade, isto é, a expressão para transmitir algum evento que ocorre após a fala (ou imediatamente³ a ela), são delineadas da seguinte⁴ maneira:

Figura 1 – A expressão de futuridade no português brasileiro



Fonte: elaborado pelo autor

Levando em consideração a Figura 1, acima, os possíveis *inputs* aos quais as crianças brasileiras estariam expostas, para expressar futuridade, seriam (i) 'ir' + infinitivo disparando uma leitura (a) ASPECTUAL, (b) de MODO, (ii) a forma sintética disparando uma leitura TEMPORAL, e (iii) a forma simples do verbo no presente, disparando uma leitura de MODO.

3 Ingrediente teórico

Estamos assumindo, para o propósito deste artigo, a Teoria de Princípios e Parâmetros de Chomsky (1957, 1981). Tal teoria sugere que as crianças são biologicamente equipadas com um conjunto de princípios para gerar gramáticas – os princípios da GRAMÁTICA UNIVERSAL (GU) – e é isso que nos diferencia das outras espécies. Esses princípios gerais combinam e organizam os dados linguísticos primários (DLP) de uma maneira específica. Ou seja, a GU toma o DLP como *input* e, como resultado, gera a gramática de uma língua (G_L) específica (gramática do português brasileiro, gramática do francês, por exemplo), como *output*. Isso é ilustrado abaixo:

$$(9) \quad \text{DLP} \rightarrow \text{GU} \rightarrow G_L$$

Deste modo, as crianças nascem com uma FACULDADE DA LINGUAGEM que evolui de um estado inicial (F_0) para um estado estável (F_E), cuja gramática é quase a mesma dos adultos (ver CHOMSKY, 1986, 1995). Devido ao fato de que cada criança tem uma experiência linguística individual, Chomsky propõe que cada uma

tenha uma língua-I(nterna) moldada pela experiência linguística, a língua-E(xterna) do adulto. Então, a partir do *output* linguístico dos pais, as crianças são capazes de definir os parâmetros da sua língua alvo, conforme exposto em (9).

Sob a abordagem chomskiana, é justo dizer que existem dois modelos principais para a aquisição da linguagem: a hipótese da continuidade e a da maturação.

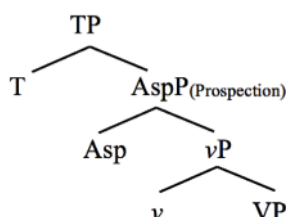
O primeiro modelo pressupõe que, desde o início do desenvolvimento, todos os princípios da GU estão disponíveis para as crianças. Esse modelo postula⁵ que a diferença entre a gramática das crianças e as gramáticas adultas é explicada pela ideia de que as crianças precisam aprender propriedades particulares, por exemplo, o léxico e a competência pragmática. Além disso, a gramática da criança poderia apresentar estruturas impossíveis ou mesmo marginais da F_E, mas essas estruturas devem ser possíveis em outras línguas, não violando a GU (CLAHSEN, 1989).

O segundo modelo propõe que há um desenvolvimento hereditário de categorias linguísticas inicialmente ausentes nas gramáticas infantis. A diferença entre o estágio de um F₀ e um F_E é explicada pelo estado juvenil da GU. Este modelo apresenta a tese de que nem todas as partes da GU são prontamente acessíveis para o seu desenvolvimento e, para serem adquiridas, precisam ser maturadas, como um CALENDÁRIO MATURACIONAL (ver LOPES, 1999). Portanto, a principal premissa teórica subjacente à hipótese maturacional é que a estrutura básica da GU é adquirida como um reflexo da ordem hierárquica de uma estrutura determinada na língua (RADFORD, 1990, 1995; MEISEL, 1994; LEBEAUX, 2000; etc.).

A fim de verificar qual modelo é o melhor para explicar nossos dados, descrevemos brevemente as premissas estruturais com as quais estamos nos baseando para discutir os resultados.

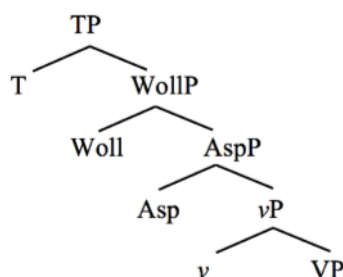
A estrutura sintática que assumimos é aquela baseada em Schmitt (2001) e Wurmbrand (2014). A primeira sugere que o PB tem uma estrutura na qual existem algumas camadas ordenadas importantes para o nosso propósito. Schmitt (2001) aponta que vP é o domínio da descrição de eventualidade que é comandada por uma projeção AspP; fechando esses domínios, há TP. Segundo a autora, AspP “pode se aplicar a uma descrição eventual de qualquer tipo” (SCHMITT, 2001, p. 432). Para nossos objetivos, assumimos que há uma projeção aspectual capaz de lexicalizar o aspecto de prospecção veiculado por ‘ir’ + infinitivo, como já mostramos em (7). O exemplo a seguir resume a estrutura assumida a partir da proposta de Schmitt:

(10)



Na esteira de Wurmbrand (2014), a estrutura futura é a combinação de uma projeção TP e uma WollP de modo. Segundo a autora, o modal abstrato *woll* contribui para uma força modal, gerando POSTERIORIDADE, ficando imediatamente abaixo de TP. Da mesma forma, assumimos que WollP lexicaliza um evento que pertence ao domínio do imaginário e do hipotético, que não é observável, tendo propriedades de [IRREALIS] (ROBERTS, 1990; ELLIOTT, 2000). Portanto, a estrutura sintática que consideramos, juntamente com Schmitt (2001) e Wurmbrand (2014), é a seguinte:

(11)



Lembre-se de que já discutimos o sistema da expressão de futuridade do português brasileiro (ver Figura 1). Então, espera-se que o AspP lexicalize os traços relacionados à PROSPECÇÃO, WollP ao traço IRREALIS e T ao traço temporal FUTURO. Além disso, assumimos aqui que a estrutura perifrástica de futuridade no PB, a que aciona uma leitura de evento em potência, e o verbo flexionado no presente não têm na sua derivação um T futuro – em conformidade a Araújo-Adriano (2019), o verbo se movia para T quando a forma sintética era presente no domínio oral da língua: a ativação de WollP, pelo pouso do auxiliar ‘ir’ ou por um verbo pleno no presente, já traduz a leitura de um evento em potência. Uma vez que as formas sintéticas perderam seu significado temporal, o verbo teve seu movimento reduzido para checar somente traços *irrealis*; assim, a leitura futura é derivada por traços de modo.

4 Metodologia

Os dados desta pesquisa baseiam-se no estudo longitudinal de três crianças monolíngues brasileiras. A faixa etária corresponde ao período entre as idades de 01;07 e 03;07 – período em que a sintaxe emerge na maioria das crianças. Foram analisadas falas das seguintes crianças⁶: a criança 1 (C1) e a criança 2 (C2) fazem parte do Centro de Estudos de Aquisição da Linguagem (CEAL) da Pontifícia Universidade Católica – Rio Grande do Sul (PUCRS), já a Criança 3 (C3) faz parte do Projeto de Aquisição da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

4.1 Perguntas de pesquisa

Com os dados coletados para este trabalho, nos colocamos a responder às seguintes perguntas de pesquisa:

- (i) A criança respeita as camadas funcionais Asp > Woll > T, sugeridas por Schmitt (2001) e Wurmbrand (2014), ou a ordem, proposta por Cinque (1999), Asp(prospecção) > Modo(*irrealis*) > T(futuro)?
- (ii) As crianças produzem a forma sintética para expressar futuridade, mesmo que no *input* ao qual elas estão expostas não haja tal estrutura?
- (iii) Qual a melhor abordagem, a maturacional ou a continuísta, que explica a aquisição da zona TAM, baseada nos nossos dados?

5 Os achados na fala das crianças: resultados e discussão

5.1 Adquirindo PROSPECÇÃO

A primeira expressão de futuridade adquirida por C1 é com a idade média de 01;08 quando usou 'ir' + infinitivo para veicular PROSPECÇÃO:

(12) Situação: Adulto e C1 estão brincando com alguns brinquedos. O adulto está pedindo para C1 nomear alguns brinquedos.

Adulto: E aqui?

C1: O caiaíinho

Adulto: O cavalinho?

C1: Não

C1: Jubi

C1: **Vai**_{PRS.3.SG} **jubi**_{INF}

Adulto: E esse aqui?

Não é claro se C1 diz que o rei ou outro brinquedo está prestes a montar o cavalo. No entanto, é claro que, independente do que é que vai montar no cavalo, a ação seria concluída logo após a fala de C1, e isso é uma pista de que se está diante de uma PROSPECÇÃO (ver § 2).

O segundo momento em que C1 usa o verbo 'ir' com um traço PROSPECTIVO é com a idade de 02;01, quando ela está brincando de boneca e com alguns acessórios de cabelo com o Adulto 1.

(13) Adulto: Quer abrir este?

Adulto: Que que isso?

C1: Ela **vai**_{PRS.3.SG} **botar**_{INF}

Adulto: Vai botar aonde?

C1:Aqui

Adulto: No cabelo? No cabelo da boneca?

Mais uma vez, não está claro exatamente o que C1 está colocando no cabelo da boneca. O contexto pode sugerir que é uma presilha. Portanto, o uso do advérbio “aqui” mostra que a ação/intenção de *colocar o grampo de cabelo* aconteceu estritamente após a emissão de C1, já que a boneca estava na mão da criança. Além disso, “aqui” é uma pista para o que é conhecido como *aqui e agora* (*‘here and now’*), de acordo com Brown e Bellugi (1964), apoiando a análise que acabamos de discutir.

A primeira expressão de futuridade adquirida por C2 foi também com ‘ir’ + infinitivo veiculando prospecção, com 01;10 de idade:

(14) Situação: Adulto e C2 estão brincando com alguns brinquedos em uma sacola. Parece que C2 não brinca com esses brinquedos já há algum tempo.

Adulto: Vamos achar o milho pra Gabi

C2: Ué

Adulto: Cadê o milho?

C2: **Vo(u)**_{PRS.1.SG} proculá_{INF}

Adulto: Vai procurar?

C2: Esse é o mundo.

Adulto: Esse é o mundo!

(...)

C2: Cadê o milho?

Adulto: Esse milho que não aparece

C2: O que é isso?

Adulto: Abóbora

(...)

C2: Ah, eu achei o milho

Adulto: Ah, que milho bonito.

A partir da passagem acima, fica claro que C2, depois de dizer “Vo(u) proculá”, começou a procurar o milho na bolsa e, instantaneamente, encontrou um mundo/globo de brinquedo. Ela continua procurando o milho, encontra uma abóbora e, finalmente, o milho. Este exemplo mostra que a ação de *procurar o milho* acontece imediatamente após o enunciado do C2 - que sustenta nossa análise para esses dados.

Finalmente, C3 adquiriu sua primeira expressão de futuridade com 01;10 de idade, produzindo ‘ir’ + infinitivo veiculando prospecção, assim como C1 e C2:

(15) Situação: C3 está tentando usar uma calça plástica. Ela já colocou uma perna da calça e tenta colocar a outra perna.

Adulto: Viva a dona Raquel que pôs a calça plástica sozinha!

C3: A te adê ota?

Adulto: Outra, ta aí. Cê vai por outra também?

C1: Vô

Adulto: Mas põe só uma

C1: O **vô**_{PRS.1.SG} **pô**_{INF} ota aqui

(Ela senta no chão para por.)

A partir de (15), C3, depois de dizer “vo pô ota aqui”, sentou-se no chão para colocar em prática a ação antes anunciada. Este exemplo mostra que a ação de usar outro jeans plástico acontece imediatamente após o enunciado por C3, isto é, ‘ir’ com um traço PROSPECTIVO.

5.2 Adquirindo *IRREALIS*

Em 02;01, C1 adquire ‘ir’+ infinitivo veiculando *IRREALIS*, um evento que tem potência para acontecer no futuro. O exemplo a seguir mostra uma conversa entre C1 e o adulto. Eles estão falando sobre um amigo de C1 que, possivelmente, vai ter, no futuro, um irmão:

(16) C1: É, ela vai ter um, ela **vai**_{PRS.3.SG} **ter**_{INF} um
i(r)mãozinho

Adulto: Ela vai ter um irmãozinho?

Mais tarde, com 03;07, C1 e o adulto estão falando sobre a babá, que não está na cena. C1 diz ao adulto que ela pedirá à babá para assistir a um filme. Como a babá não está no espaço da conversa, tanto a ação de pedir quanto a ação de assistir a um filme só acontecerão em um momento futuro, talvez quando a babá chegar em casa:

(17) Adulto: Ah, foi a babá?

Adulto: Ah, a tua babá?

C1: Au

Adulto: <risos>

C1: Ela tem um filme novo

Adulto: Ah, ela tem um filme novo? Olha lá.

Adulto: Ah, olha quantos filmes tu tem, né?

C1: Sabe que eu tenho da, da

C1: **Vou**_{PRS.1.SG} **pedir**_{INF} pra babá pra gente assistir um filme

Com 02;03, C2 adquire 'ir' + infinitivo veiculando *irrealis*, para descrever um evento que tem potência para acontecer no futuro. O exemplo a seguir mostra uma conversa entre C2 e o Adulto. Eles estão falando sobre um bolo. Observe que a ação de *comer o bolo* não ocorrerá imediatamente após a fala de C2.

- (18) Adulto: Vai levar pra mesa isso
 C2: Daqui a pouquinho eu **vou**_{PRS.1.SG} **comer**_{INF}
 Adulto: Daqui a pouquinho tu vai comer

Com 02;03 de idade, C3 adquire 'ir' + infinitivo veiculando *IRREALIS*, para descrever um evento que tem potência para acontecer no futuro. O exemplo a seguir mostra uma conversa entre o C3 e o adulto. C3 quebrou algumas peças de um brinquedo de posto de gasolina. Depois de ser repreendida, C3 percebe que Fausta, a proprietária do posto de gasolina de brinquedo, que não está na casa de C3, ficará furiosa com os pedaços quebrados quando descobrir o fato:

- (19) Adulto: E agora eu não consigo consertar, poxa vida
 C2: Hã, hã, a Fausta **vai**_{PRS.3.SG} **ficá**_{INF} muito bava
 Adulto: Vai. A Fausta vai ficar muito brava (ri).

Além da forma 'ir' + infinitivo, C1 e C2 também veicularam *IRREALIS* com verbos flexionados no presente simples (cf. (5)). O primeiro dado, em ambas as crianças, apareceu na idade de 02;08 (não foi atestado nenhum caso de presente flexionado veiculando *IRREALIS* em C3). Os exemplos a seguir ilustram os casos discutidos:

- (20) Adulto: Que que tu tá penteando?
 C1: O meu cabelo.
 Adulto: Ah, o teu cabelo!
 C1: Depois eu **boto**_{PRS.1.SG} aquilo.
 Adulto: Tá.
- (21) Adulto: o que que tem dentro dessa caixa?
 C2: emes emes pla Vitória.
 Adulto: eme eme pra quem?
 C2: pla Vitória.
 Adulto: pra Vitória?
 C2: ãh-hã.
 Adulto: É? Tu que vai levar?
 C2: Não.

Adulto: (es)pera aí que eu te ajudo. Quer abrir, e é pra abrir?

C2: É, depois a Vitória **vem**_{PRS.3.SG} aqui.

Adulto: A Vitória vem aqui. Quem é a Vitória?

C2: a Vitória, é aquela...

Adulto: Com os cabelos compridos assim, ela é tua amiguinha?

C2: Ela, ela não é.

Adulto: Não?

C2: Não é, amiga da Isadola.

5.3 (Não) adquirindo a forma sintética

Nem C1, nem C2 e C3 produziram formas sintéticas para futuramente.

5.4 Organizando os dados

A tabela abaixo mostra os dados sobre a quantidade de ocorrências de cada expressão de futuramente. Adicionalmente, apresentamos a quantidade de *input* a que C1, C2 e C3 foram expostas, isto é, as ocorrências produzidas por adulto (A1, A2, A3), durante as seções analisadas.

Tabela 2: Número de ocorrência das expressões de futuramente nos dados: criança e adulto

Idade	Expressão de futuramente					
	Prospecção		<i>Irrealis</i>		Sintético	
	C	A	C	A	C	A
01;08	1	57	0	4	0	0
01;10	28	206	0	7	0	3
02;01	84	208	1	8	0	4
02;03	124	335	5	9	0	13
02;08	90	293	15	26	0	17
03;00	63	220	11	36	0	11
03;07	81	186	13	36	0	16
Média em %, em relação às ocorrências de cada falante	91%	86%	9%	10%	0%	4%

Para resumir a variação individual das crianças, a Tabela 2 demonstra que a prospecção é a primeira expressão de futuridade adquirida. C1 produziu prospecção com 01;08, C2 e C3 com aproximadamente 01;10. A leitura *irrealis* é adquirida um pouco mais tarde, 6 meses depois, para C1 (com 02;01), e aproximadamente 4 meses depois para C2 e C3, com 02;01 (a diferença é em dias).

Os dados mostram que *irrealis* não é notavelmente produtivo, comparado à prospecção. Isso pode ser explicado pelo papel do *input*, já que a maior parte da expressão de futuridade produzida pelos adultos é aquela relacionada ao momento da conversa, fazendo sentido aparecer mais casos de prospecção. De fato, nossos dados parecem estar em consonância com isso: enquanto há 1505 (89%) sentenças dirigidas às crianças em um contexto *aqui e agora* (SM, RM_EM, ou seja, prospecção), há apenas 178 (11%) sentenças com uma leitura *irrealis* que serviram de *input* para as crianças.

Quanto à forma sintética que veicula futuridade, como esperado (ver (9) sobre a relação entre *input* e *output*), C1, C2 e C3 nunca a produziram, há 0 ocorrência da flexão futura. Por fim, mas não menos importante, todos os adultos produziram a forma flexionada de presente veiculando futuridade, porém somente C1 e C2 produziram-na. Uma vez que todos esses casos tinham leitura *irrealis*, os dados que aparecem na coluna *Irrealis*, na Tabela 2, computam tanto 'ir' + infinitivo, quanto verbo no presente (somente 2 dados para C1 e 5 dados para C2, enquanto para A1 foram 20, para A2 foram 22 formas de presente e para A3, 10 casos).

Quando se trata do total sob as ocorrências de cada falante, ou seja, a soma das ocorrências de prospecção, *irrealis* e sintética de C1, C2 e C3 (C, na Tabela 2) por um lado, e a soma da prospecção, *irrealis* e sintética de A1, A2 e A3 (A, na Tabela 2) por outro, os dados mostram que há uma correspondência entre o *input* e o *output* das crianças.

Vale notar que todas as formas sintéticas produzidas pelos adultos (cf. Tabela 2) eram como aquelas formas sintéticas mostradas em (8), isto é, mesmo que a forma sintética produzida tenha sido flexionada, ela não veiculava futuridade. As seguintes conversas abaixo mostram exemplos desses casos:

(22) C1: Olha aqui uma mamadeira

Adulto: Uma mamadeira, de quem **será** que é essa mamadeira?

(23) Situação: C2 e o adulto estão brincando com um Dumbo de brinquedo, cujas cores da orelha estão entre um tom marrom e rosa.

Adulto: Que cor é a orelha do Dumbo?

C2: Marrom

Adulto: Marrom? Hum, **será** que é marrom?

C2: Ah-hã

(22) Situação: Um armário fere C3, e o adulto e C3 conversam sobre isso.

C3: Armário bobo! (Acaba chorando) Me machucou aqui.

Adulto: Oba! Pronto, não machucou. **Será** que machucou? Coitadinha.

5.5 Discutindo os resultados

É possível notar que, comparando os resultados das três crianças, parece haver um caminho sistemático que as crianças brasileiras seguem para adquirir a expressão de futuridade: em primeiro lugar, emerge 'ir' veiculando prospecção, seguido de 'ir' veiculando *irrealis* (ver Tabela 2 e Figura 2), por fim o verbo pleno na forma de presente. Uma vez que o *input* da forma sintética que veicula futuridade não existe no conjunto de dados aos quais as crianças estão expostas, a forma sintética parece não ser adquirida naturalmente - talvez seja adquirida através da escolaridade⁷.

A seguinte imagem esboça os resultados extraídos deste estudo, apresentando como (qual o caminho percorrido, a partir da primeira ocorrência do dado) a criança adquire a expressão de futuridade no PB:

Figura 2 - Aquisição da expressão de futuridade no PB

	Structure	Meaning	Logical Representation	Functional Category	Children's age			Path of Acquisition
					C1	C2	C3	
Expression of Futurity	Synthetic	Future	SM_RM,EM	TP	???	???	???	↑
	Ir + infinitive	Irrealis	SM_RM,EM	WollP	02;01.26	02;03.17	02;03.12	
		Prospection	SM_RM_EM	AspP	01;08.12	01;10.21	01;10.23	

Fonte: elaborado pelo autor

Com base em nossos dados, as crianças estudadas valem-se da regra⁸

(24) Futuridade → 'ir' + VP_{infinitivo}

para construir a expressão de futuridade em PB. Além disso, elas começam a construir a zona funcional com a seguinte estrutura: AspP > WollP (segundo SCHMITT, 2001 e WURMBRAND, 2014) ou AspP_{Prospeção} > Mood_{Irrealis} (segundo CINQUE, 1999). Quando se trata da sequência da zona de TAM, a hipótese *bottom-up* parece ser válida, uma vez que as crianças, na verdade, adquirem uma camada mais baixa para depois adquirir uma camada superior (cf. (11)).

Responder se existe uma abordagem mais adequada – maturacional ou continuísta – que explica os nossos dados seria muito arriscado, uma vez que, embora tenhamos atestado uma aquisição em camadas (*bottom-up*), o *input* dado

às crianças também estavam em bastante harmonia, o que traria argumentos em favor tanto da primeira, quanto da segunda abordagem.

Um contra-argumento para a hipótese maturacional seria que as crianças não adquirem 'ir' *irrealis*, ou o verbo pleno no presente, antes da prospecção, porque não faz sentido para a relação adulto-criança falar de um evento futuro tão precocemente (anterior a 01;08, quando já há evidências de prospecção). Lembre-se de que há muito mais ocorrências de prospecção do que *irrealis*, e de que, de acordo com Brown e Bellugi (1964), o *aqui e agora* pode moldar as ferramentas linguísticas que as crianças precisam para adquirir uma gramática. Outro contra-argumento seria de que o conceito de futuro é muito complexo e mais relacionado ao processo cognitivo do que à maturação linguística, já que estruturas cognitivamente menos complexas parecem ser mais fáceis de serem adquiridas (BOLAND, 2006).

De fato, talvez, todas as estruturas que transmitem *irrealis* e prospecção sejam acessíveis desde o início da aquisição, de acordo com a hipótese de plena competência; no entanto, com este estudo não é possível tomar uma decisão final sobre se existe modelo ideal para aquisição de linguagem (para uma discussão sobre a adequação de ambas as hipóteses, remete-se o leitor a LOPES, 1999, cap. 3). De qualquer forma, é inegável que uma estrutura *bottom-up* foi seguida pelas crianças, ao adquirir futuridade.

Últimas considerações

A análise das três crianças que adquiriram a expressão de futuridade no PB mostrou que 'ir' veiculando aspecto prospectivo é o primeiro a ser produzido, seguido de 'ir' *irrealis* e o verbo pleno no presente. Os dados também mostraram que a abordagem de construção da estrutura *bottom-up* pode representar o desenvolvimento da zona de TAM no PB, pois as crianças adquiriram uma camada mais baixa antes da superior e não adquiriram ainda a mais alta: $Asp_{Prospecção} (\checkmark) > Woll_{Irrealis} (\checkmark) > T_{Futuro} ()$. Como já mencionamos, uma possível explicação poderia ter a ver com o fato de que não há evidências positivas suficientes para ativar uma camada T de futuridade. Talvez, essa camada seja ativada muito mais tarde, somente através da escolaridade. Essa hipótese poderia encabeçar um estudo futuro, a fim de verificar em que estágio os falantes de PB adquirem (conscientemente) a forma sintética para futuridade, já que naturalmente isso não ocorre.

Para pesquisas futuras, também seria valioso investigar, em um trabalho experimental, se as crianças do PB compreenderiam a forma sintética (produzi-las já sabemos que não é o caso) como uma expressão de futuridade ou como uma forma que transmite o que foi mostrado em (8) (para ver outros casos de futuro sintético temporalmente sem significado, remete-se o leitor a ARAÚJO-ADRIANO, 2019). De uma forma ou de outra, essas questões ampliariam nosso conhecimento sobre o que há na Gramática Universal das crianças.

Notas

* A presente pesquisa foi realizada com o apoio da CAPES, código de financiamento 001, durante o mestrado. Parte deste trabalho foi apresentado no CITAM (Congresso Internacional de Tempo, Aspecto e Modo), em 2018, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro; na 13ª semana de eventos FALE – Pensar a infância: linguagem e imaginário, ocorrido em 2018, na Universidade Federal de Minas Gerais; no XIII Forum for Linguistic Sharing, em 2018, na Universidade Nova de Lisboa e, finalmente, nos Colóquios do ForMA (núcleo de pesquisa em gramática Formal, Mudança e Aquisição), em 2018, na Universidade Estadual de Campinas. Agradeço a todos os comentários e indagações feitas nesses eventos. Agradeço também aos dois pareceristas anônimos pelas observações e sugestões ao trabalho. Ainda que nem todas puderam ser contempladas neste artigo, elas serão levadas em consideração em trabalhos futuros.

¹ Como método de análise, o autor entrevistou professores universitários, pós-graduandos e alunos de graduação para verificar se o nível de escolaridade interferiria no uso da forma futura. Adicionalmente, Araújo-Adriano (2016) analisou um *corpus* composto por textos acadêmicos escritos, com o objetivo de comparar o domínio escrito e oral. Por fim, o autor também quantificou a expressão futura em vídeos de um canal do YouTube. Para a amostra da entrevista, 2% (6) das expressões foram sintéticas, enquanto 98% (286) foram usadas como 'ir' + infinitivo. Quanto à amostra escrita, a forma sintética foi apresentada em 76% (19) contra 24% (6) de 'ir' + infinitivo. Por fim, a representação da fala (Youtube) mostrou que apenas 2% (1) foram utilizados na forma sintética, e para 'ir' + infinitivo, 98% (44).

² Baseado em Brito (2001), Cyrino (2013), Reintges e Cyrino (2018), o autor assumiu que o advérbio 'sempre' é imediatamente c-comandado por TP. Isso explica o que já havia sido notado por Cyrino (2013) e Reintges e Cyrino (2018): falantes de português brasileiro preferem a ordem sempre_V e não o contrário, V_sempre. Vale notar que Galves (2001) havia atestado que a ordem de 'sempre' pode variar no PB, porém, as pesquisas citadas acima mostram que parece haver certa preferência pela posposição do advérbio em relação ao verbo, o que nos fez assumir tais abordagens.

³ Na representação lógica de Reinchebach (1947) e Hornstein (1990), SM é o momento da fala, RM é o momento da referência e EM é o momento do evento. A vírgula indica simultaneidade e o traço precedência.

⁴ A proposta delineada é baseada em Biberauer e Roberts (2010), para quem verbos sintéticos (tempos ricos) são na verdade elementos compostos: V + T, o que explica porque esses verbos se movem para T (para eles, o que desencadeia o movimento do verbo não é um traço EPP. Assim, o composto verbal [V + T] precisa primeiro ser concatenado em V e então [V + T] reprojeta em T.) Portanto, Araújo-Adriano (2019) assume que o futuro sintético é um elemento composto de [V + Woll + T]. Aqui, Woll permite a interpretação do significado do *irrealis* - um evento potencial. Por outro lado, uma estrutura perifrástica (tempo pobre) não é um composto [V + Woll + T], mas em vez disso é [V + Woll].

⁵ Essa é a versão fraca da hipótese continuísta. A forte, conhecida como a hipótese da competência plena/total (CLAHSEN, EISENBEISS E PENKE, 1994), leva em consideração certos níveis de liberdade para a sintaxe da criança se diferir da do adulto: a capacidade depende de elementos externos que explicam as mudanças a serem desenvolvidas.

⁶ Para analisar os dados, consideramos algumas pistas sintáticas que pudessem ajudar na classificação de o verbo veicular prospecção, *irrealis*: para o primeiro, alguns advérbios como ‘aqui’, ‘agora’, e para o último, advérbios como ‘amanhã’, ‘mais tarde’, ‘à noite’. Além disso, o contexto e os comentários cuidadosos descritos pelo transcritor também teve um papel fundamental na análise.

⁷ Ver Kato (1999) e Kato, Cyrino e Correa (2009) para quem a escola tenta não só reprimir as inovações, como também recuperar as formas já eliminadas.

Referências

ARAÚJO-ADRIANO, Paulo Ângelo. Alguns aspectos sobre a expressão do futuro no português brasileiro: fala, escrita e representação. *Mosaico*, São José do Rio Preto, v. 15, p. 493-523, 2016.

ARAÚJO-ADRIANO, Paulo Ângelo. Sintaxe e diacronia da expressão de futuridade no PB. 2019. 206 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

ARAÚJO, Thais da Silveira Neves. *Aquisição de aspecto no português brasileiro*. 2015. 140 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

BIBERAUER, Theresa; ROBERTS, Ian. Subjects, tense and verb-movement. In: BIBERAUER, Theresa et al. *Parametric Variation: Null subjects in Minimalist Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. 263-302.

BOLAND, Johanna Hendrika. *Aspect, tense and modality: theory, typology, acquisition*. 2006. 642 f. Tese (Ph.D. Universidade de Amsterdã. 2006.

BRITO, Ana Maria. Clause structure, subject positions and verb movement. About the position of sempre in European Portuguese and Brazilian Portuguese. In: D’HULST, Yves; ROORYCK, Johan; SCHROTEN, Jan. *Romance Languages and Linguistic Theory 1999*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p., 63-85.

BROWN, Roger; BELLUGI, Ursula. Three process in the child’s acquisition of syntax. *Harvard educational review*, Massachusetts, n. 34, p. 133-151, 1964.

CHOMSKY, Noam. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton, 1957.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, Noam. *Knowledge of Language: Its Nature, Origin and Use*. New York: Praeger, 1986.

CHOMSKY, Noam. *The minimalist program*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1995.

CINQUE, Guglielmo. *Adverbs and Functional Heads: a cross-linguistic perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.

CLAHSEN, Harald. Creole genesis, the lexical learning hypothesis and the problem of development in language acquisition. In: PÜTZ, M; DIRVEN, R. *Wheels within wheels: Papers on the Duisburg Symposium on Pidgin and Creole Languages*. 1989, p. 55-79.

CLAHSEN, H.; EISENBEISS, S.; PENKE, M. 1994. Underspecified phrase-structure positions and lexical learning in early child grammars. In: Workshop on generative Studies of the Acquisition of Case and Agreement. 1994. University of Essex, 1994.

COMRIE, Bernard. *Aspects: An introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

CYRINO, Sonia. On richness of tense and verb movement in Brazilian Portuguese. In: CAMACHO-TABOADA, Maria Victoria et al. *Information Structure and Agreement*, Amsterdam: John Benjamins, 2013. p. 297-318.

ELLIOTT, Jennifer. Realis and Irrealis: Forms and concepts of the grammaticalization of reality. *Linguistic Typology*, De Gruyter, v. 4, n. 1, p. 55-90, 2000.

GALVES, Charlotte. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

HORNSTEIN, Norbert. *As Time Goes By: Tense and Universal Grammar*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1990.

KATO, Mary. Aquisição e aprendizagem de língua materna: de um saber inconsciente para um saber metalinguístico. In: MORAES, J.; GRIMM-CABRAL, L. *Investigações a linguagem: ensaios em homenagem a Leonor Scliar-Cabral*. Florianópolis: Editora Mulher, 1999. p. 201-225.

KATO, M.; CYRINO, S.; CORREA, V. Brazilian Portuguese and the recovery of lost clitics through schooling. In: PIRES, A.; ROTHMAN, J. *Minimalist inquiries into child and adult language acquisition: case studies across Portuguese*. Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 2009. p. 245-272.

LEBEAUX, David. *Language Acquisition and the Form of the Grammar*. Philadelphia/Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2000.

LOPES, R. M. E. Uma proposta minimalista para o processo de aquisição da linguagem: relações locais. 1999. 192 f. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

MEISEL, Jürgen. *Bilingual first language acquisition: French and German grammatical development*. Philadelphia: John Benjamins, 1994.

NEVES, T. S. A aquisição do aspecto progressivo no português do Brasil. In: XXXIII JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, ARTÍSTICA E CULTURAL DA UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2011.

RADFORD, Andrew. *Syntactic theory and the acquisition of English syntax: the nature of early child grammars of English*. Oxford: Blackwell, 1990.

RADFORD, Andrew. 1995. Phrase Structure and Functional Categories. In: FLETCHER, Paul; MCWHINNEY, Brian. *The handbook of Child Language*. Oxford: Blackwell, 1995. p. 483-507.

REICHENBACH, Hans. *Elements of Symbolic Logic*. New York: Free Press, 1947.

REINTGES, Chris; CYRINO, Sonia. Analyticization and the syntax of synthetic residue: A macrocomparative perspective. In: MARTINS, Ana Maria; CARDOSO, Adriana. *Word Order Change*. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 179-201.

ROBERTS, John. Modality in Amele and other Papuan languages. *Journal of Linguistics*, Cambridge, v. 26, n. 2, p. 363-401, 1990.

SCHMITT, Cristina. Cross-linguistic variation and the present perfect: the case of Portuguese. *Natural Language and Linguistic Theory*, Berlim, n. 2, v. 19, p. 403-453, 2001.

WURMBRAND, Susi. Tense and Aspect in English Infinitives. *Linguistic Inquiry: Massachusetts*, v. 45, n. 3, p. 403-447, 2014.

Para citar este artigo

ARAÚJO-ADRIANO, Paulo Ângelo de. Como as crianças brasileiras adquirem a expressão de futuridade: um estudo sintático. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8, n. 2, p. 709-727, maio-ago. 2019.

O autor

Paulo Ângelo de Araújo-Adriano é graduado em "Letras - Língua portuguesa", mestre em linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atualmente é doutorando pela mesma instituição na área de Forma e funcionamento das línguas naturais, com subárea de Gramática. Tem experiência em Letras e Linguística, sobretudo na área de teoria gramatical, sintaxe gerativa e aquisição das línguas naturais. Faz parte do ForMA (Núcleo de Estudos em Gramática Formal, Mudança e Aquisição), no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL - UNICAMP), que congrega pesquisadores que desenvolvem investigações a partir de modelos formais para análise e descrição gramatical (fonologia, morfologia, sintaxe e semântica), mudança linguística e/ou aquisição da linguagem à luz de pressupostos gerativistas. Também faz parte do Grupo de pesquisa "Português brasileiro - sintaxe e mudança" do IEL - UNICAMP.